



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
jantar oferecido pelo Presidente de Moçambique, Armando Guebuza**

**Maputo-Moçambique, 09 de novembro de 2010**

Meu caro companheiro e amigo Armando Guebuza, presidente da  
República de Moçambique,

Meu caro companheiro Aires Ali, primeiro-ministro de Moçambique,

Meu querido companheiro ex-presidente de Moçambique, companheiro  
Chissano,

Meu caro Oldemiro Marques Balói, ministro dos Negócios Estrangeiros  
de Moçambique, por intermédio de quem cumprimento todos os ministros  
moçambicanos aqui presentes,

Senhora presidente da Assembleia, Verónica Macamo,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,  
por intermédio de quem cumprimento todos os ministros que vieram comigo  
nesta delegação,

Meu caro companheiro Cid Gomes, governador do estado do Ceará,  
reeleito para governar por mais quatro anos o estado do Ceará. Ceará, estado  
em que na cidade de Redenção vai receber a Unilab, a Universidade Afro-  
Brasileira,

Meu querido companheiro senador Marcelo Crivella, companheiro que  
no Senado tem trabalhado muito para ajudar a fortalecer a integração África-  
Brasil,

Senhoras e senhores,

Amigos e amigas da imprensa de Moçambique e da imprensa brasileira,

É com imenso prazer que retorno a Moçambique. Não há como um  
brasileiro não se sentir em casa nesta terra, berço de parte importante da



nossa nacionalidade. Este é um dos países que mais visitei na África. Aqui estive em minha primeira viagem ao continente como chefe de Estado. Aqui faço minha despedida, depois de oito anos de mandato.

Também tive o privilégio de receber três visitas de presidentes moçambicanos em Brasília. Esses encontros refletem o extraordinário desenvolvimento dos laços que nos unem.

Moçambique é hoje o maior parceiro da cooperação brasileira na África. São mais de 30 iniciativas em curso nas áreas de saúde, educação, formação profissional, esporte e ciência e tecnologia. Essas iniciativas simbolizam o perfil estratégico que temos dado às relações do Brasil com a África.

Com o início das atividades da fábrica de antirretrovirais, vamos contribuir para combater pandemias e salvar vidas. Estamos transferindo conhecimento e tecnologia que vão permitir a Moçambique formular uma política industrial farmacêutica, além de impulsionar as políticas públicas de combate à Aids. Moçambique poderá produzir remédios para outras regiões da África e tornar-se centro de capacitação e treinamento para o todo o continente africano.

A implantação de polos da Universidade Aberta do Brasil em Moçambique é outra iniciativa de grande alcance social, pois permitirá aos mais pobres o acesso à educação superior. A Universidade Aberta terá efeito multiplicador. Fomentará a educação de qualidade em todos os níveis, pois seu foco prioritário é a capacitação de professores da educação básica.

Outro campo em que já dispomos de parceria exemplar com o continente africano é a agricultura. Em colaboração com o Japão, vamos desenvolver, já a partir de 2011, uma iniciativa de grande impacto social e econômico: o Pró-Savana. Essa cooperação procura reproduzir, no Norte de Moçambique, o sucesso do Programa de Desenvolvimento do Cerrado, que transformou a região central do Brasil – antes, área improdutiva – num dos principais celeiros da agricultura brasileira.



Com a maior aproximação de ministérios e agências especializadas dos dois países, bem como a crescente interação entre a Eletrobras e a EDM, poderemos avançar nossa cooperação no setor elétrico.

O empresariado brasileiro compartilha do nosso entusiasmo e otimismo quanto às possibilidades de Moçambique. Além da participação da Vale no projeto de extração de carvão em Moatize, outras empresas brasileiras presentes em Moçambique contribuem para o desenvolvimento da infraestrutura do país. A Camargo Corrêa participa no projeto hidrelétrico de “Phanda-Ankua”, e a Odebrecht atua nas obras no Porto da Beira.

As linhas de crédito oferecidas pelo Brasil darão renovado impulso ao comércio e aos investimentos bilaterais. Dos US\$ 300 milhões que acordamos como financiamento brasileiro a projetos de infraestrutura moçambicanos, os primeiros US\$ 80 milhões já estão liberados para as obras do aeroporto de Nacala.

Mais investimento significa mais exportações, mais empregos, mais saúde e mais educação para nossos povos e nossas regiões. Significa também mais tecnologia de ponta.

Podemos avançar em direção a um padrão de TV digital comum, que colocará a América do Sul e a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral na vanguarda do acesso democrático à informação.

Meu caro companheiro Guebuza,

Moçambique e Brasil são dois países convencidos da necessidade de construir uma ordem internacional mais justa e equânime. A reforma das instituições globais não pode ignorar a crescente importância da África e da América do Sul. Nossas economias estão entre as mais dinâmicas do mundo e entre as que primeiro retomaram o crescimento após a crise financeira.

Na caminhada de Moçambique rumo à reconstrução nacional, seu melhor aliado será uma governança global democrática e equilibrada.

É preciso que o Banco Mundial e o Fundo Monetário abandonem, de



uma vez por todas, seus dogmas obsoletos e condicionalidades absurdas. O desenvolvimento da América [África], da Ásia e da América Latina contribui para o crescimento global e para a diminuição do desequilíbrio entre ricos e pobres. Mas é preciso que as economias dos países ricos também retomem seu crescimento.

A experiência de décadas passadas – inclusive a brasileira – demonstra que ajustes recessivos acarretam recessão, desemprego e mais desigualdades sociais. A instabilidade cambial e as desvalorizações competitivas de moedas só alimentam o círculo vicioso da ação unilateral e estimulam o protecionismo em todo o mundo. É fundamental que os mecanismos de governança econômica global garantam a retomada do crescimento mundial forte e sustentável.

Essas são as mensagens que o Brasil levará à Cúpula do G-20 de Seul, nos próximos dias.

Caro amigo Guebuza,

Como nos diz o escritor moçambicano, Mia Couto – diz ele: "os lugares não se encontram, constroem-se". Essas palavras devem inspirar nossas ações. Tenho certeza de que não pode haver paz e desenvolvimento no mundo se a comunidade internacional não se voltar para o continente africano.

O dinamismo da economia e o compromisso com a democracia e a melhoria da qualidade de vida da população são outros traços marcantes deste grande país em ascensão.

Nos últimos meses, missões bilaterais se reuniram aqui em Moçambique e no Brasil com o objetivo de encontrar alternativas de cooperação recíproca que tornassem possível ao BNDES financiar a construção de obras prioritárias para o desenvolvimento de Moçambique.

Hoje, tenho a grande satisfação de poder comunicar ao meu amigo presidente Guebuza que a diretoria do BNDES acaba de aprovar o financiamento para exportações de bens e serviços brasileiros, no valor de US\$



80 milhões, destinados à construção do Aeroporto de Nacala. Felicito a todos os envolvidos no esforço de viabilizar esse projeto do Aeroporto de Nacala, que dá início, assim, a uma nova etapa das relações Brasil-Moçambique.

Meu caro companheiro Guebuza,  
Meus companheiros ministros de Moçambique,  
Companheiros ministros brasileiros,

Falta só uma página do meu discurso, mas eu me sinto na obrigação de dizer algumas palavras de improviso ao meu amigo Guebuza e aos meus amigos de Moçambique.

Eu estou terminando um mandato de oito anos. Oito anos, Guebuza, parece muito para quem está na oposição à espera de uma eleição, mas é quase nada, é quase nada para quem está no governo. Eu nem vi passar os oito anos. Eu até me assustei quando disseram que ia ter eleições, de tão rápido que passou o meu mandato.

Certamente, isso acontece quando as coisas vão bem, quando o presidente é bem avaliado, quando o resultado das políticas públicas reproduz no seio e na alma de cada ser humano daquele país resultados concretos, e permite que eles vejam melhoria na qualidade de vida do seu povo. Se o governo vai mal, oito anos é um sacrifício, o presidente não dorme, não come, não fala com a imprensa, não anda na rua, e sequer faz comício. Ele se tranca numa redoma de vidro, cheia de assessores, porque todos nós, presidentes, construímos em torno de nós um *entourage*, que quando está bom são eles que fazem, quando está ruim eles apenas nos comunicam que está ruim e nós temos que resolver.

Mas, de qualquer forma, nós estamos chegando ao final de um mandato numa situação altamente privilegiada. Primeiro, a relação do Brasil com a África. Eu sinto muito orgulho de ter sido no meu mandato – o presidente da República e também os meus ministros que, mais de dois séculos e mais... desde a Proclamação da República – o governo que mais atuou no continente



africano. São 12 viagens à África, quase 30 países visitados, alguns três vezes, como Moçambique.

E faço isso, faço isso por interesse do Estado brasileiro. Faço isso para contrariar aqueles que, durante décadas e séculos, tentaram vender às gerações que os antecederam [sucederam], que o Brasil, por ser um país colonizado, era um país que não tinha direitos, era um país que tinha que estar sempre subordinado à orientação e às decisões das chamadas economias ricas da Europa e dos Estados Unidos.

Eu aprendi, desde muito pequeno, que ninguém respeita um ser humano que não se respeita, e muito menos alguém respeita um Estado que não se respeita. Nenhum país, nenhum país é grande pela sua capacidade tecnológica apenas, nenhum país é grande apenas pela sua população, nenhum país é grande apenas pelo seu PIB, nenhum país é grande apenas pela sua força armamentista. Nós somos maiores ou menores de acordo com o nível de consciência política que nós temos e de acordo com a autoestima e a visão de soberania do país que nós queremos construir.

Foi com essa visão que nós viemos ao continente africano pagar uma dívida que não pode ser paga financeiramente, pagar uma dívida que não pode ser mensurada do ponto de vista do valor monetário, mas pagar uma dívida que só pode ser paga com demonstrações de solidariedade, de compreensão e de política de compartilhamento das coisas boas que sejamos capazes de produzir.

O Brasil não tem dinheiro, mas o Brasil tem conhecimento que pode partilhar com o continente africano e que pode partilhar com Moçambique, seja do ponto de vista da política industrial, seja do ponto de vista da política agrícola, seja do ponto de vista da política industrial na área de alimentos, seja do ponto de vista da interligação científica e tecnológica, o Brasil tem muito para contribuir.

Acontece, meu caro Guebuza, que durante muito tempo nós fomos



governados por gente que tinha a cabeça manipulada pela ideia de que nós éramos seres inferiores e que, portanto, nós deveríamos obedecer a quem tinha mais dinheiro, a quem tinha mais tecnologia, a quem tinha nos colonizado. Esse tempo acabou.

E hoje, é com muito orgulho, que eu termino a minha visita ao continente africano, porque esta será a última visita que eu faço ao continente africano enquanto presidente da República, aqui na nossa querida Maputo, no nosso querido país chamado Moçambique, país a que o Brasil deve muito da sua formação política, cultural e, por que não dizer, da cor e do jeito de ser de 185 milhões de brasileiros.

Nós temos muito, nós temos muito para fazer, porque também é verdade, Guebuza, que muitas vezes países africanos acharam que a solução dos seus problemas estava em aderir imediatamente à política dos nossos colonizadores. “Ah, como seria importante que Moçambique tivesse uma relação mais próxima com os Estados Unidos, que têm muito dinheiro e, portanto, viria o dinheiro de que Moçambique precisa. Ah, como seria bom se Moçambique tivesse muito mais proximidade com os países europeus, que têm muito dinheiro, e, portanto, virá para cá mais ajuda e tecnologia”. Não é verdade, não é verdade porque nenhum país vai ajudar o outro a se desenvolver, se o país que necessita de desenvolvimento não tomar a iniciativa de dizer o que quer, como quer e para o que quer.

Quando nós viemos aqui instituir a Universidade Aberta, que eu tive o prazer de inaugurar os três primeiros polos hoje, os nossos educadores brasileiros tiveram como primeira missão, não vir aqui em Moçambique e dizer como é que no Brasil está dando certo a Universidade Aberta, mas viemos aqui, humildemente, perguntar aos educadores de Moçambique o que eles queriam e como queriam que nós pudéssemos ajudá-los a terem aqui o que nós temos no Brasil com 600 polos da Universidade Aberta. A Universidade Aberta, meu querido Guebuza, chegará, em 2012, com 7.900 mil alunos aqui



em Moçambique. Junto com a Universidade Aberta nós estaremos inaugurando, na cidade de Redenção, no estado do Ceará, em 2011 ou 2012, a Universidade Afro-Brasileira, onde nós queremos pelo menos 5 mil alunos africanos e 5 mil alunos brasileiros aprendendo aquilo que nós precisamos aprender para ajudar a desenvolver.

Eu disse hoje aos estudantes na aula magna – que eu nem sabia que ia dar aula magna –, eu disse aos estudantes que nós precisamos discutir com muito carinho como levar esses estudantes africanos dos países de língua portuguesa ao Brasil, e não, e não facilitar apenas o estudo deles, e não criar as condições para que eles, chegando ao Brasil, não queiram mais voltar para Moçambique. Se isso acontecer, será um fracasso do nosso projeto de ajudar a África a se desenvolver. É preciso que nós levemos esses jovens ao Brasil, mas, ao mesmo tempo, façamos com que eles não percam de vista que o curso que estamos fazendo, que o investimento que estamos fazendo só tem razão de ser se esse menino e essa menina puderem aprender o que tiverem que aprender e voltarem para a sua pátria para ajudarem essa pátria a se desenvolver, aplicar aqui os ensinamentos aproveitados nas nossas universidades. Aí, sim, nós estaremos criando quadros, criando gestores, criando os engenheiros, criando os médicos, criando os engenheiros agrícolas para, definitivamente, fazer com que o continente africano, e, dentro do continente africano, Moçambique, não jogue fora o século XXI como nós jogamos fora as oportunidades do século XX.

Como seria maravilhoso se depois da conquista da independência em Moçambique não houvesse a necessidade de uma guerra civil que, muitas vezes, foi mais sangrenta do que a luta pela independência. Como seria maravilhoso se depois da conquista da independência não tivesse havido a guerra civil em Angola. Como seria maravilhoso se os seres humanos compreendessem que só existe uma possibilidade de a gente se desenvolver, crescer e melhorar a vida das pessoas: é com democracia e com paz. Fora





disso, nós gastaremos a nossa energia e a nossa inteligência para construir coisas que só destroem, e não construir coisas que signifiquem a melhoria do futuro de Moçambique.

Este país é um país maravilhoso. Eu não sei, ele já foi chamado de Princesa do Índico, de Rainha do Índico, ou seja, todos os adjetivos elogiosos possíveis Portugal fez a Moçambique quando aqui ele governava. Nós, agora, precisamos dizer o mesmo, com Moçambique livre e independente.

As empresas brasileiras, meu caro Guebuza, estão aqui, muitos empresários de empresas importantes, e não estão aqui apenas para aproveitar o potencial mineral de Moçambique. Eles sabem que, na filosofia do nosso governo, eles não podem ser empresários predadores, que queiram vir aqui apenas para tirar riqueza. Eles têm que vir aqui, sobretudo para ajudar a construir a riqueza que o povo de Moçambique precisa para se desenvolver e se transformar em uma nação forte economicamente e justa socialmente.

Por isso, meu querido companheiro Guebuza, quando viajar amanhã para Seul para discutir com o G-20 a crise econômica mundial, eu saio daqui com a convicção de que apenas estamos começando o nosso trabalho com o continente africano, de que a nossa futura presidenta da República, a companheira Dilma Rousseff, pode ter certeza disso, ela tem os mesmos compromissos que eu tenho com a África porque ela participou, junto comigo, da elaboração de muitas das políticas que nós fizemos na África. Portanto, estejam certos de que a política do Brasil para o continente africano e para Moçambique irá continuar e irá se fortalecer.

Os empresários brasileiros, os empresários brasileiros aprenderam, como dizia o nosso amigo Roger Agnelli ao Celso Amorim, em um desses encontros aí: “Eles sabem que eles não podem procurar minério na Quinta Avenida e, muito menos, petróleo na Torre Eiffel”. Eles têm que vir para o continente africano se quiserem discutir agricultura, se quiserem discutir a questão da produção de alimentos e se quiserem discutir desenvolvimento e



exploração de minério. Não apenas explorar para levar, porque sabe o companheiro Roger, também, que é preciso que a gente possa construir fábricas aqui para que a gente possa gerar empregos aqui, para que eles possam exportar valor agregado também e atender as suas necessidades.

É com essa visão, meu querido companheiro Guebuza, meu querido companheiro de Moçambique, que eu, amanhã, deixo Moçambique, com a convicção de que nós fizemos muito, mas fizemos pouco diante daquilo que ainda precisa ser feito. Nós estamos apenas começando. Durante séculos nem vocês olhavam para nós, nem nós olhávamos para vocês. Durante séculos vocês olhavam para a Europa e nós olhávamos para a Europa. Vocês olhavam para os Estados Unidos e nós, para os Estados Unidos. Agora nós aprendemos. Nós vamos continuar olhando para eles, mas nós precisamos olhar um pouco para nós. Nós precisamos saber o que nós temos a oferecer para nós mesmos. Nós não podemos abandonar quem tem similaridade, quem está próximo, do ponto de vista cultural, do ponto de vista político, do ponto de vista das raízes, e ficar procurando no diferente a solução para os problemas que juntos nós poderemos resolver.

É com essa convicção, meu querido companheiro Guebuza, meus companheiros moçambicanos, que eu faço – talvez amanhã tenha um pouquinho mais –, mas eu faço a minha despedida do continente africano, neste meu mandato de presidente da República, pedindo a todos os companheiros que possam levantar as suas taças em um brinde ao povo de Moçambique, ao presidente Guebuza, ao seu governo e, eu diria, a todo o continente africano.

Muito obrigado.

(\$211B)